

TRIÂNGULO MINEIRO E ALTO PARANAÍBA: ARQUITETURA MODERNA E SUA RELAÇÃO COM O ESPAÇO PÚBLICO

NATÁLIA ACHCAR MONTEIRO SILVA¹, MARIA BEATRIZ CAMARGO CAPPELLO²

Resumo

A pesquisa intitulada “Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba: arquitetura moderna e sua relação com o espaço público” é um dos estudos realizados no projeto maior e trabalhado em equipe “Documentação da Arquitetura Moderna no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba: História e Preservação”, o qual se constitui por um levantamento de dados, que engloba identificação, análise e catalogação da arquitetura moderna produzida na região citada. Essa produção iniciou-se na década de 1950, tendo seu grande desenvolvimento a partir dos anos de 1960. Uma das abordagens mais importantes da análise está justamente em tratar de uma arquitetura ainda considerada recente, mas que já necessita de medidas de preservação. Seus exemplares mais significativos, os quais compõem a formação histórico-social e memória das cidades estão sendo catalogados em fichas de inventário, que seguem o modelo do DOCOMOMO internacional.

Palavras-chave: arquitetura moderna, inventário, preservação, contexto urbano.

Rèsumé

L'enquête intitulée “Triangulo Mineiro et Alto Paranaiba: architecture moderne et sa relation avec l'espace publique” est une des études réalisées au dedans d'un projet principal, élaboré en équipes “Documentation de l'architecture Moderne dans le Triangulo Mineiro et Alto Paranaiba: Histoire et Préservation”, le quel est constitué par un sondage de donnés qui englobe identification, analyse et catalogation de l'architecture moderne produite dans la région citée. Cette production s'est initiée dans les années 1950, ayant son plus grand développement à partir des année 1960. L'abordage la plus importante de cette analyse c'est justement de traiter d'une architecture considérée encore récente, mais qui a besoin déjà de

¹ Aluna de graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Uberlândia - Av. João Naves de Ávila, 2121 - Bloco II, sala 43 - Uberlândia/MG - CEP: 38400-100. E-mail: natyachcar@yahoo.com.br.

² Professora Doutora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Uberlândia - Av. João Naves de Ávila, 2121 - Bloco II, sala 43 - Uberlândia/MG - CEP: 38400-100. E-mail: mbcappello@uol.com.br.

mésures de préservation. Ses exemplaires les plus significatifs, ceux qui composent la formation historique-sociale et la mémoire des villes de la région, sont en train d'être catalogués en feuilles d'inventaire qui suivent le modèle du DOCOMOMO international.

Mots-clés: l'architecture moderne, l'inventaire, la conservation, le contexte urbain.

1. Introdução

A arquitetura moderna brasileira teve início na década de 1920, mas seu auge nos grandes centros ocorreu a partir de 1950. Nas regiões interioranas essa prática se fortaleceu mais tardiamente na década de 1960, sendo este, o caso do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.

Esta região foi muito influenciada pela construção de Brasília (1957-60), capital federal, trazendo a modernidade e o progresso, que não só foram incorporados no espaço, mas também no imaginário cultural da população dessas localidades. Novas técnicas construtivas, nova plástica, novos usos do espaço, essa arquitetura moderna produzida participou do rápido desenvolvimento urbano.

As cidades receberam edifícios residenciais, clubes, instituições públicas e privadas, indústrias, praças, vilas que se implantaram no espaço e foram incorporados fortemente a identidade visual e histórica.

Em vista da importância da arquitetura produzida neste período foi realizada uma seleção das edificações mais características e essenciais dentro da estruturação

histórico-social e constituição das seguintes cidades da referida região mineira: Uberlândia, Uberaba, Araxá, Sacramento, Conquista, Conceição das Alagoas, Araguari, Patrocínio, Patos de Minas, Coromandel, Rio Paranaíba, Tupaciguara, Ituiutaba, Prata, Campina Verde, Campo Florido, Frutal, Estrela do Sul, Monte Carmelo e Monte Alegre.

Uma ênfase especial se aplicou na percepção de como esses edifícios, com nova linguagem arquitetônica, se inseriram no espaço público. As relações, enquanto parte de um universo urbano mais amplo, ou seja, o diálogo com o entorno, as dinâmicas sociais, etc.

O levantamento de dados, que engloba identificação, análise e catalogação da arquitetura moderna produzida no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, é feito através de fichas de inventário definidas segundo o modelo do DOCOMOMO internacional, e busca constituir um acervo que possibilite uma caracterização da arquitetura moderna local, além de estimular a preservação dos exemplares mais significativos, ressaltando a importância arquitetônica e histórica que

esses edifícios apresentam como elemento de identificação regional.

O DOCOMOMO (*International Working Party for Documentation and Conservation of Buildings, Sites and Neighbourhoods of Modern Movement*) é uma organização internacional que busca difundir o conhecimento e reflexão sobre o Movimento Moderno, desenvolvendo levantamentos documentais e medidas de conservação e proteção da arquitetura, assim como de conjuntos urbanos e paisagísticos deste período.

O inventário da arquitetura moderna nacional vem sendo realizado por diversas instituições interligadas pelo DOCOMOMO Brasil e suas unidades regionais, que no caso da região apresentada é o DOCOMOMO Minas.

Para esta abordagem são exemplificados edifícios, praça e vila significativos no contexto de inserção de cidades como Uberlândia e Sacramento. Assim como também é colocado brevemente a atuação de arquitetos em Uberaba.

2. Material e Métodos

O projeto foi desenvolvido em duas etapas realizadas em paralelo: a pesquisa teórica e o trabalho de campo.

A etapa teórica compreendeu a pesquisa bibliográfica tanto da caracterização regional, como do movimento moderno em si, além da compreensão dos determinantes

históricos que propiciaram a construção das edificações.

Na etapa de campo, foram realizadas visitas às cidades selecionadas para a pesquisa, destacando as edificações características desse movimento, com o intuito de fazer uma investigação e um levantamento iconográfico, que dessem respaldo à catalogação.

Com a intercalação desses dois momentos, os projetos selecionados passaram a ser catalogados em fichas de inventário, nas quais constam informações específicas e extremamente relevantes sobre os edifícios, além de imagens, constituindo-se assim um acervo fotográfico da produção moderna da região.

3. Discussão e Resultados

A arquitetura moderna se fez documental, sendo o projeto mais do que seu desenho e execução, constituindo-se por textos, discussões, história e crítica.

Os arquitetos brasileiros tiveram influência, principalmente européia, na imagem de Le Corbusier, mas rapidamente seguiram um caminho próprio, e com isso a arquitetura adquiriu caráter nacional.

A produção moderna brasileira recebeu destaque internacional, principalmente pelo desenvolvimento de inovadora técnica de controle de luz e calor, através do *brise-soleil*.

Sua particularidade também estava no desenvolvido uso do concreto-armado e dos trabalhos em azulejos, desenhados por Cândido Portinari, Burle Marx, Anísio Medeiros, Athos Bulcão e outros artistas plásticos.

A arquitetura se fez residencial, de lazer, etc., mas seu principal destaque estava nos edifícios institucionais, colocando a importância do cenário político de tal momento. Também foram definidos conjuntos habitacionais, como forma de proporcionar mais salubridade aos operários.

A produção moderna foi, sem dúvidas, nacional, refletindo os artistas que a lançaram e recorrendo aos materiais disponíveis, assim como se ajustando ao clima.

Em 1943, ocorreu a primeira importante publicação internacional sobre a arquitetura brasileira, intitulada “*Brazil Builds*”, escrita por Philip L. Goodwin e organizada pelo Museu de Arte de Nova York.

Para a realização deste livro Goodwin, juntamente com G. E. Kidder Smith fizeram uma viagem aérea por todo o país, levantando os principais edifícios e estes foram apresentados na publicação, separados em Edifícios Antigos e Arquitetura Moderna. Tendo ênfase especial a segunda parte.

Os norte-americanos almejavam estreitar laços com os arquitetos brasileiros, a fim de desenvolver, principalmente o uso dos *brise-soleils*, como forma de proteção térmico-luminosa dos grandes panos de vidro.

Outras publicações aconteceram como em 1965 de “*Modern Architecture in Brazil*”, de Henrique E. Mindlin, e em 1973, “*L’architecture Contemporaine au Brésil*”³, do francês Yves Bruand.

Em 1974, Geraldo Ferraz publicou pelo MASP, “Warchavchik e a introdução da nova arquitetura no Brasil: 1925 a 1940” e, em 1979 Lemos, “Arquitetura Brasileira”.

Segundo Cappello (2005), o primeiro artigo sobre a arquitetura moderna no Brasil aparece na *Cahier d’Art* em 1931 “*L’Architecture d’Aujourd’hui dans l’Amérique du Sud*”, do arquiteto Gregori Warchavchik. Após o livro *Brazil Builds* uma série de artigos e números especiais de revistas internacionais especializadas foram dedicados à arquitetura moderna no Brasil.

É importante também destacar as análises em termos de preservação do patrimônio moderno.

O 6º Seminário Nacional do DOCOMOMO, realizado em Niterói – RJ, em novembro de 2005, resultou na publicação intitulada “Moderno e

³ Tese de doutorado de Yves Bruand apresentada a Universidade de Paris.

Nacional”, a qual se faz essencial em tal abordagem, principalmente por levantar a problemática em se tratar de uma arquitetura que precisa ser preservada, mas que é temporalmente próxima.

De acordo com Santos (2006) esta análise se inicia já com uma das mais particulares características da arquitetura moderna: sua rica documentação e detalhamento, o que possibilita que seja realizada uma restauração por completo ou um projeto ser executado, em um outro momento, de forma fiel ao original. Mas, até que ponto isto é viável? Em que condições deveria se lançar de tal recurso? Quem seria considerado o realizador/autor de tal proposta?

Ainda faltam princípios éticos que tratem de tais questões, da mesma forma que falta um campo conceitual, no qual sejam desenvolvidas as justificativas de preservação do que já está construído, visto que a proximidade temporal dá um outro caráter ao edifício, gerando mais discussões sobre manter ou modificar certos aspectos.

Outro ponto que Santos (2006) coloca, diz respeito ao tombamento ser a melhor forma de proteger a arquitetura moderna, já que o ato de preservar pode incluir qualquer ação do Estado que conserve a memória e os valores culturais, e o tombo acaba por resguardar o bem em si e não as relações e vínculos imateriais que ele

proporciona, sejam elas afetivas, de uso, etc.

Mais um questionamento, talvez o mais intrigante, diz respeito ao fato de muitos dos arquitetos realizadores do modernismo encontrarem-se ativos, possibilitando uma idéia de tombar no bem, seu autor. Ou ainda de, o próprio arquiteto acreditar serem viáveis modificações em seus projetos, assim como verdadeiras demolições, criando um certo “mal-estar” com os órgãos de proteção e muitas vezes inviabilizando tombamentos.

Pêsoa (2006) diz que as ações de preservação do moderno iniciaram-se em 1947, quando Lucio Costa pediu o tombamento da Igreja de São Francisco de Assis, na Pampulha, em Belo Horizonte.

Projetada por Niemeyer, em 1943, a igreja já era tida como um dos ícones de inovação da arquitetura brasileira. Em 1947, três anos após sua entrega, já se encontrava em estado de abandono e má conservação, visto que a igreja católica se negava a ocupá-la.

A proposta de tombamento veio então no intuito de impedir que uma obra tão significativa ao período moderno desaparecesse, sem nem mesmo ter sido utilizada.

Segundo Pêsoa (2006), como era um pedido totalmente a parte das realidades de tombo, Lucio Costa revestiu-o de um caráter excepcional nomeando-o de

tombamento preventivo. Foi esta excepcionalidade que abriu caminho para que outros projetos modernos fossem tombados, como o Ministério da Educação e Saúde, e a estação de hidroaviões, ambos no Rio de Janeiro.

Assim, nesta fase inicial, o tombamento correspondia a obras recém construídas, fazendo uso da legislação de proteção ao patrimônio artístico e histórico, como forma de resguardá-las, em termos de sua constituição original, para que não fossem demolidas ou modificadas.

Tal parecer foi utilizado para o tombamento em 1965 do Parque do Flamengo, projetado por Roberto Burle Marx e Afonso Eduardo Reidy, antes mesmo de sua finalização, devido à incerteza de que as administrações futuras dariam continuidade ao projeto original.

Em 1967, foi tombada a Catedral de Brasília, para a qual desde 1962 já havia sido feito este pedido, com o intuito de arrecadar fundos para a construção da mesma. Proposta a qual Lucio Costa se opôs, já que não havia fundamentos para se tomar algo que nem mesmo existia. De qualquer forma, o tombamento foi feito antes de sua conclusão, que só ocorreu três anos depois, em 1970.

Neste momento encerrou-se a primeira fase de tombamento da arquitetura moderna, marcado pela presença de Lucio Costa à frente da Diretoria de Estudos e

Tombamentos do DPHAN e pelo já citado caráter de excepcionalidade das obras tombadas, que representavam o patrimônio histórico do futuro (PÊSSOA, 2006).

Somente na década de 1980 outros edifícios modernos passariam por processo de tombamento.

Em 1983, foi pedido para a sede da Associação Brasileira de Imprensa, projeto dos irmãos Roberto, sendo aceito no ano seguinte. Em 1986, um conjunto de três residências de Warchavichik, na Vila Mariana – SP, foi tombado, marcando o primeiro tombamento de projetos fora da escola carioca.

Estes dois projetos citados, juntamente com o Pavilhão de Óbidos do Recife marcaram o período de tentativa de preservar projetos singulares, que restaram das primeiras obras modernas do país.

Na década de 1990, técnicos do IPHAN de Minas Gerais propuseram o tombamento do conjunto de edificações de Oscar Niemeyer na Pampulha. Assim como 11 edifícios, de diversos arquitetos cariocas na cidade de Cataguases, um caso excepcional, visto que na década 1940, estes ainda jovens profissionais foram contratados para fazer uma série de projetos, com o intuito de construir a cidade. O mais surpreendente é que 50 anos depois, tais construções residenciais encontravam-se integralmente originais até no mobiliário.

Inovador foi o tombamento de Brasília, em 1990, já que, o que se protegeu foi o plano, ou seja, as regras urbanísticas de ocupação, e não os edifícios em si. Esse tipo de tombamento aponta para um olhar diferenciado, no qual a cidade, objeto a ser tombado, deixa de ser pensada enquanto conjunto arquitetônico para ser vista como documento vivo, resultado das idéias urbanísticas do seu tempo e história.

O acervo de patrimônio moderno é muito pequeno diante da produção que se realizou, e falta uma política de identificação dos exemplares mais significativos, que devem ser protegidos.

Ainda segundo Pessoa (2006) tombar um edifício recentemente finalizado é algo inovador, que proporcionaria proteger um monumento tal como ele foi projetado e construído. Mas esse tipo de tombamento incide sobre o fato de o arquiteto que realizou o projeto estar vivo, como já foi mencionado, o que pode gerar oposições entre estes autores e as instituições de preservação, principalmente, no que diz respeito a realizar modificações no edifício.

A conservação do patrimônio moderno, enquanto projeto original é tida, quase como fixação, ainda mais fortalecida pela pequena distância temporal, assim como pelo vasto material documental e fotográfico, que possibilita retornar a proposta original. Tal fato faz com que se

desconsiderem as modificações, que muitas vezes são inevitáveis nos processos de ocupação.

A preservação da arquitetura moderna ainda está em fase de formação, sendo necessárias discussões sobre a idéia de voltar/manter o projeto original e a importância das transformações que ele adquire com uso e ocupação. Se uma obra é tombada muito cedo, fica o próprio tempo responsável por dar a ela suas condições de patrimônio cultural.

O fato é que, a arquitetura moderna é parte de um passado recente que merece ser mantido e respeitado. E a grande problemática quanto a sua preservação está na pouca discussão e falta de aspectos conceituais e éticos.

3.1. A arquitetura moderna do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba

A linguagem moderna foi iniciada em Uberlândia, na década de 1950 com o arquiteto João Jorge Coury⁴, que é considerado o difusor de tal arquitetura na região.

Nascido em Abadia dos Dourados/MG em 1908, formou-se em 1937 pela Escola de Arquitetura de Belo Horizonte (EABH). Iniciou sua carreira em Goiandira e Catalão, no Estado de Goiás.

⁴ Na década de 1940 Coury teve sua produção voltada para o eclético, com forte uso de elementos neocoloniais (AZEVEDO, 1998).

Posteriormente, em 1940, dirigiu-se para Uberlândia onde traçou uma bela produção em termos residencial, comercial, urbanístico, hospitalar e industrial.

Sua arquitetura associava os elementos modernos ao caráter regional, com uso de lajes planas, brises, cobogós conciliados à fitocerâmica, os seixos rolados, a granitina, a pedra portuguesa, etc. (AZEVEDO, 1998).



Fig. 01: Residência Benedito Modesto de Sousa, Uberlândia _ Arquitecto João Jorge Coury

Foto: arquivo da pesquisa

Era em seu atelier que os intelectuais se reuniam, valendo também de destaque no contexto político da época (GUERRA, 1998).

Coury foi uma espécie de arquiteto-discípulo, estimulando o interesse de jovens como Paulo de Freitas, HÉlvio Felice, Natalino David Thomaz, Milton Leite Ribeiro, Ivan Cupertino, João Alves Pimenta, Fernando Galvão e Miguel Juliano, cada um atuando em diferentes cidades, entre elas Uberlândia, Belo Horizonte, Goiânia, São Paulo.



Fig. 02: Sociedade Médica, Uberlândia _ Arquitecto Miguel Juliano

Foto: arquivo da pesquisa



Fig. 03: Residência Laerte Alvarenga de Figueiredo, Uberlândia _ Arquitecto Ivan Cupertino

Foto: arquivo da pesquisa



Fig. 04 e 05: Perspectivas tratadas do projeto do arquiteto Ivan Cupertino para a residência Laerte Alvarenga de Figueiredo

Foto: arquivo da pesquisa

Dentre os citados foi destacado na pesquisa o arquiteto Paulo de Freitas, que segundo Laurentiz (1993) é da chamada geração intermediária.

Paulo se formou em 1959 pelo Mackenzie, permanecendo na capital paulista por mais quatro anos, vindo depois para Uberlândia,

onde se destacou principalmente pelos projetos de edifícios verticais, importantes na constituição física-social do centro da cidade.

Além disso, foi por mais de 20 anos professor da Escola de Decoração da Universidade Federal de Uberlândia, tendo também colaborado na criação dos cursos de música, artes e comunicação visual.



**Fig. 06: Edifício Itaporã, Uberlândia _
Arquiteto Paulo de Freitas
Foto: arquivo da pesquisa**

Ainda de acordo com Laurentiz (1993) a terceira geração é encabeçada por Elifas Lopes Martins, que se formou arquiteto em 1968 pela Universidade de Brasília.

Após a conclusão da faculdade, ficou por dois anos na Inglaterra, onde fez especialização na área habitacional, a qual influenciou muito em seus projetos.

Retornou ao Brasil, atuando em Uberlândia e região nas décadas de 1970-80, tendo sua produção muito voltada para o caráter residencial e industrial.



**Fig. 07: Residência Nelson Vasconcelos,
Uberlândia _ Arquiteto Elifas Lopes Martins
Foto: arquivo da pesquisa**

Há um considerável número de residências de sua autoria, localizadas no Lídice, bairro que pode ser tido como essencialmente de arquitetura moderna.

Com relação às indústrias, principalmente projetou edificações para a Granja Resende, compondo um conjunto estético e funcionalmente bem elaborado.



**Fig. 08: Incubatório da Granja Resende,
Uberlândia _ Arquiteto Elifas Lopes Martins
Foto: arquivo da pesquisa**

Sua arquitetura é marcada pelo uso de concreto e tijolo aparentes, lajes inclinadas e telhados em platibanda, aproveitamento da topografia definindo platôs ajardinados, espaços internos com grande organicidade, etc. (SILVA JÚNIOR, A. P.; CAPPELLO, M. B. C., 2002).



**Fig. 09: Residência Antônio Jorge Tannus,
Uberlândia _ Arquiteto Elifas Lopes Martins
Foto: arquivo da pesquisa**



**Fig. 10: Residência Oscarino Martins da Silva,
Uberlândia _ Arquiteto Elifas Lopes Martins
Foto: arquivo da pesquisa**

Em Uberaba o destaque fica com Germano Gultzoff (1922-2007), principalmente por seus primeiros projetos, que possuíam grande caracterização modernista. Ao longo de sua carreira afastou-se destes princípios mantendo somente a planta moderna.

O arquiteto estudou no Mackenzie, formando-se em 1950. Nessa época foi estagiário de Oswaldo Bratke, conhecido arquiteto moderno com escritório na cidade de São Paulo.



**Fig. 11: Ed. Chapadão, Uberaba _ Arquiteto
Germano Gultzoff
Foto: arquivo da pesquisa**



**Fig. 12: Ed. Pedro Salomão, Uberaba _
Arquiteto Germano Gultzoff
Foto: arquivo da pesquisa**

Wagner Schrodén também atuou em Uberaba constituindo grande produção principalmente residencial no centro da cidade.



**Fig. 13: Residência Dr. Albano Bruno,
Uberaba _ Arquiteto Wagner Schrodén
Foto: arquivo da pesquisa**

Seus projetos têm destaque no contexto urbano, possuindo cada um particularidades, que os tornam exemplares únicos.



**Fig. 14: Residência Edmundo Chapadeiro, Uberaba _ Arquiteto Wagner Schroden
Foto: arquivo da pesquisa**

Diferentemente da produção moderna dos grandes centros, a qual se fez principalmente institucional pública, no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba estava muito vinculada ao capital privado da emergente burguesia, ficando a cargo do Município e Estado principalmente alguns projetos de praças, escolas e demais instituições.

Para compor a relação sócio-espacial que tal produção exerceu no imaginário do período, assim como continua mantendo nos dias atuais, foram selecionadas algumas edificações, uma praça e uma vila, que fazem parte da catalogação elaborada no projeto de pesquisa, para exemplificar tal contextualização.

A vila analisada está em Sacramento, enquanto os demais projetos estão em Uberlândia, na qual primeiramente será abordada, a Praça Tubal Vilela.

Até 1937, esta se chamava Praça da República, adquirindo a partir de então o nome de Benedito Valadares e somente em 1958 recebendo seu nome atual.

Guerra (1998) coloca que no início de 1959, a cidade era palco de manifestações, que cobravam da gestão municipal maior cuidado com os espaços públicos, que se encontravam em péssimo estado de conservação, e entre eles estava a Praça Tubal Vilela.



**Fig. 15: Foto aérea da Praça Tubal Vilela, Uberlândia _ Arquiteto João Jorge Coury
Foto: Prefeitura Municipal de Uberlândia**

Nesse momento, o prefeito Geraldo Ladeira convidou João Jorge Coury para realizar o projeto de remodelação, em que a praça adquiriu caracterização moderna. Como colaboradores Coury contou com o arquiteto Ivan Cupertino e os Engenheiros Rodolfo Ochôa, Roberto Ochôa e Sebastião da Silva Almeida.

A inauguração aconteceu no aniversário de Uberlândia, em 31 de agosto de 1962. Segundo Guerra (1998), a proposta do arquiteto foi de desenvolver um local de convivência, sociabilidade e

manifestações, no qual as diferenças étnicas, ainda demasiadamente discriminatórias, fossem sanadas em função do bem-estar social e da cidadania. A presença da Concha Acústica para eventos políticos, culturais, assim como os bancos coletivos integradores fazem parte do programa de equipamentos comunitários.

Ao longo de mais de 40 anos, a praça passou por várias modificações que alteraram consideravelmente o projeto original de Coury.

Ainda nos dias atuais é referência urbana, tida como o ‘coração’ da cidade. As manifestações agora são ditas populares, na imagem do transporte coletivo, do comércio informal, da música, de expressões religiosas, artísticas, etc., que proporcionam movimento e dinâmica.



**Fig. 16: Foto atual da Praça Tubal Vilela, Uberlândia _ Arquiteto João Jorge Coury
Foto: Pedro Alberto Gomide**

Em 2004, foi tombada como patrimônio histórico municipal pelo decreto nº 9676⁵.

Essa região central da cidade possui um conjunto de edificações importantes, salientando o Edifício Tubal Vilela, que se localiza no encontro da Av. Afonso Pena com a Rua Olegário Maciel.

Construído em 1957, pela “Empresa Uberlandense de Imóveis”, de propriedade do então prefeito Tubal Vilela, foi o primeiro arranha-céus da cidade (AZEVEDO, 1998).

O projeto é do arquiteto de Belo Horizonte, Ulpiano Muniz e a construção foi realizada pela construtora paulista Morse e Bierrenbach.

A edificação não tem afastamentos, estando alinhada à calçada. Seu uso é misto, destinando os primeiros pavimentos para comércios e serviços e os demais para apartamentos, com 1 ou 2 quartos, remetendo a tipologia da unidade mínima.

O alinhamento na calçada não prejudica as relações estabelecidas com os pedestres que percorrem o espaço, visto que a utilização deste térreo para comércio, na verdade, é convidativa e aproxima os usuários a utilizá-lo.

⁵ Apud Praça Tubal Vilela. Disponível em: <http://www3.uberlandia.mg.gov.br/cidade_patrimonio.php?id=632>.



**Fig. 17: Edifício Tubal Vilela, Uberlândia _
Arquiteto Ulbiano Muniz
Foto: arquivo da pesquisa**



**Fig. 18: Sacada do pavimento comercial do Ed.
Tubal Vilela, Uberlândia _ Arquiteto
Ulbian Muniz**

O segundo andar, de serviços e uso também comercial, tem uma sacada que permeia as duas fachadas voltadas para as vias e Praça Tubal Vilela, proporcionando continuidade entre os espaços privado e público. Pode-se dizer que atua quase como uma calçada elevada do chão.

Azevedo (1998) diz que a estruturação em concreto armado independente foi algo inovador para a época e o uso de

revestimentos em pastilhas e granitina fortaleceram sua linguagem moderna.

As fachadas voltadas para a praça têm um jogo volumétrico que marca fortemente as linhas horizontais, através das janelas panorâmicas e das sacadas, tendo quebras verticais proporcionadas pelos volumes que saltam do alinhamento e pelo grande paredão em cor terracota, que percorre praticamente todo o edifício.

Este foi um empreendimento bem aos moldes do que era almejado: a modernidade e o progresso definindo, através da arquitetura, uma imagem de desenvolvimento social.

Ainda nesta área central está o Edifício Itacolomi, projetado por Paulo de Freitas na década de 1960, o qual se insere em um contexto de verticalização da cidade.

Para este projeto o arquiteto lançou mão do uso de cobogós, proporcionando ventilação e iluminação naturais no interior, assim como desenvolveu uma diversidade de tipos de plantas para os apartamentos, os quais poderiam atender a um público amplo.



**Fig. 19: Edifício Itacolomi, Uberlândia _
Arquiteto Paulo de Freitas
Foto: arquivo da pesquisa**

A volumetria também é peculiar, fugindo aos padrões de linhas geométricas retilíneas. Em forma de “J” e por estar em uma esquina, define perspectivas variadas conforme a posição do observador.

Além disso, possuía uma particular implantação: seu térreo era composto por uma área aberta destinada ao uso público e circulação livre, mas esta foi gradeada e tornou-se estacionamento para os moradores.



**Fig. 20: Estacionamento Ed. Itacolomi, Uberlândia _
Arquiteto Paulo de Freitas
Foto: arquivo da pesquisa**

Esta é uma tendência de constituição das cidades de médio a grande porte, as quais perdem em qualidade de espaços, devido à necessidade de destinar, boa parte deles, aos veículos.

Dentre os projetos abordados um dos mais diversos é o Uberlândia Clube Sociedade Recreativa, por ter sido um marco para a cidade, representando, através da imponência de seu edifício, mais um avanço em termos de desenvolvimento sócio-econômico e progresso.



**Fig. 21: Edifício Uberlândia Clube, Uberlândia
_ Engenheiro Almôr da Cunha
Foto: arquivo da pesquisa**

Com relação a sua implantação tem a especial característica de um grande recuo da fachada frontal, o qual é recoberto pelo pavimento superior, que atua como marquise estruturada por pilotis, remetendo as *loggias* dos edifícios clássicos italianos. Esta constituição define uma composição urbana, na qual o pedestre é privilegiado por um espaço de passagem gentilmente protegido.

Em uma cidade com intenso calor como Uberlândia, esta prática deveria ser freqüentemente utilizada, permitindo ao

usuário do espaço público maior conforto em relação ao clima, assim como as dinâmicas sociais, o movimento, o barulho, o trânsito, etc. A região central da cidade não possui outras áreas agradáveis de passagem, a não ser àquelas proporcionadas pelas praças.

O projeto, construído em 1957, é do engenheiro Almôr da Cunha e foi criado, por iniciativa privada, para ser um espaço comercial e de recreação inovador para a cidade. A decoração, de estilo Art Decó ficou a cargo do artista plástico Sérgio de Freitas.



Fig. 22: Painel de gesso no foyer do primeiro piso, Uberlândia Clube _ Artista Plástico Sérgio de Freitas
Foto: Pedro Alberto Gomide

No edifício foram empregados alguns elementos de linguagem moderna, até então pouco utilizados localmente, como o *brise-soleil*, o terraço-jardim e os pilotis, mostrando, mais uma vez, a intenção de trazer por meio da arquitetura, modernidade à região.

A constituição interna se mantém, com o conjunto mobiliário (também moderno), os painéis, revestimentos e adornos originais.



Fig. 23: Detalhes decorativos e mobiliário de um dos salões, Uberlândia Clube _ Artista Plástico Sérgio de Freitas
Foto: Pedro Alberto Gomide

Seus salões são alugados para festas e eventos diversos, a parte comercial continua sendo utilizada, além do Teatro Rondon Pacheco. Seu tombamento como patrimônio histórico municipal ocorreu em 2006, pelo decreto nº 10223⁶.



Fig. 24: Painel de pastilha no hall de entrada, Uberlândia Clube _ Artista Plástico José Machado de Moraes
Foto: arquivo da pesquisa

Outro importante projeto é a Igreja Espírito Santo do Cerrado, da arquiteta Lina Bo Bardi, o único exemplar em Minas Gerais de sua produção.

⁶ Apud Uberlândia Clube Sociedade Recreativa. Disponível em: <http://www3.uberlandia.mg.gov.br/cidade_patrimonio.php?id=628>.



Fig. 25: Igreja Espírito Santo do Cerrado, Uberlândia _ Arquiteta Lina Bo Bardi
Foto: arquivo da pesquisa

Em 1975, o Frei Egidio Parisi convidou Lina para realizar o projeto de uma igreja franciscana em um pequeno terreno, localizado no humilde bairro Jaraguá.

A obra foi construída pelos próprios moradores em mutirões, e utilizando materiais característicos da região, angariados por doações. Também foi essencial a ajuda vinda da organização alemã Adveniat.



Fig. 26: Vista aérea da Igreja Espírito Santo do Cerrado, Uberlândia _ Arquiteta Lina Bo Bardi

Foto: Laura Fernandes Miguel

O conjunto se distribui em quatro platôs compostos cada um, respectivamente pela capela, a casa para três religiosas e um salão, assim como o campo de futebol (agora cimentado). Os dois primeiros ambientes são em tijolos aparentes, assentados com barro, tendo concreto

armado onde se fez necessário e no caso da capela, seu interior é estruturado por toras de madeira (aroeira lavada). O salão remete a uma oca indígena, tendo fechamento em bambu.

A composição além de aludir aos materiais da região ainda representa, através da arquitetura, a cultura popular.

Este projeto além de estar fora do perímetro central e de seu entorno próximo, onde o moderno foi mais fortemente realizado, ainda teve a particularidade de não utilizar de recursos financeiros da burguesia local ou do poder público, além de destinar-se ao uso de uma população carente.



Fig. 27: Interior da capela, Igreja Espírito Santo do Cerrado, Uberlândia _ Arquiteta Lina Bo Bardi

Foto: Laura Fernandes Miguel



Fig. 28: Fechamento do salão, Igreja Espírito Santo do Cerrado, Uberlândia _ Arquiteta Lina Bo Bardi

Foto: arquivo da pesquisa

Atualmente o bairro é composto também pela classe média, que continua utilizando o espaço para as práticas religiosas.

Em maio de 1997, a igreja foi tombada como patrimônio histórico estadual pelo IEPHA (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado de Minas Gerais) e apesar disso, freqüentemente sofre descaracterizações, muito ocasionadas pela falta de adequada manutenção.

Como última análise na cidade de Uberlândia está a residência Geraldo Migliorini, projeto do arquiteto mineiro Fernando Graça.



**Fig. 29: Residência Migliorini, Uberlândia _
Arquiteto Fernando Graça
Foto: arquivo da pesquisa**

Elaborado em 1958, este foi o segundo projeto do arquiteto, sendo que ele ainda nem havia finalizado o curso de arquitetura pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o que só veio a ocorrer em 1959. A construção foi executada sem nenhuma modificação em relação à proposta original, e o programa de necessidades foi

definido juntamente com a esposa do proprietário, D. Yovette Migliorini.

A obra durou um ano e meio, sendo inaugurada em 1960. Grande parte dos materiais foi adquirida na própria cidade. A residência tem elementos que foram exclusivamente desenhados pelo arquiteto para ela, como por exemplo, os azulejos do piso e os painéis interiores (FARIA, R. R. et al.).



**Fig. 30: Mobiliário e piso da residência
Migliorini, Uberlândia _ Arquiteto Fernando
Graça**

Foto: arquivo da pesquisa

De caracterização moderna compõe-se por lajes planas, jogos volumétricos, grandes panos de vidro, painéis decorativos e uso de materiais como tijolo a vista, pastilhas, azulejos.

Tem consideráveis afastamentos em todas as fachadas do terreno, implantando-se diversamente ao contexto de entorno, composto por edifícios verticais e arquitetura principalmente colonial, na qual a edificação explora os alinhamentos frontal e laterais.

Seus elementos construtivos também diferem e sua relação com o espaço público é fortalecida pelo baixíssimo muro na frente da edificação.



**Fig. 31: Interior da residência Migliorini, Uberlândia _ Arquiteto Fernando Graça
Foto: arquivo da pesquisa**

Por este projeto Graça recebeu vários prêmios, sendo que um deles ficou a cargo do IAB de Minas Gerais em 1958.

Geraldo Migliorini era um político influente, sendo que sua residência foi palco de eventos importantes no contexto social da cidade. Assim como recebeu visitantes ilustres do âmbito nacional.

Recentemente D. Yovette faleceu e a família optou por vender a residência. Membros da área de preservação na cidade pediram o tombamento do projeto, em virtude de sua importância histórica, parte da memória e identidade de Uberlândia.

Infelizmente o atual proprietário, um empresário de outra cidade, mesmo sendo informado do valor do edifício, optou por demoli-lo. Este só possuía um alvará, que permitia pequenas reformas, estando impedido de tal ato realizado.

A multa a ser paga por ele é irrisória em comparação a perda de um patrimônio dessa qualidade. Fica também a dúvida quanto ao poder público, na imagem das Secretarias de Cultura e de Planejamento Urbano, que em nada impediram tal descaso.

Sacramento é uma das mais antigas ocupações do estado de Minas Gerais, caracterizando-se por uma constituição urbana voltada para os estilos colonial e, principalmente, eclético. O moderno foi incorporado somente em alguns elementos construtivos, sendo a Vila de Jaguará seu grande símbolo modernista.



**Fig. 32: Foto aérea da Vila de Jaguará, Sacramento _ Projeto da Usina Hidrelétrica de Jaguará
Foto: Google Earth**

Construída na década de 1970, era parte do programa de implantação da Usina Hidrelétrica de Jaguará e tinha o intuito de proporcionar moradia e infra-estrutura necessária aos funcionários da empresa, constituindo-se por residências, escola, supermercado, clube, casa de visitas, hotel,

igreja ecumênica, ambulatório e pista de pouso e decolagem.

Os equipamentos estão distribuídos na área perimetral do conjunto, às margens da represa, com exceção da pista, que se localiza em conformidade a legislação de transporte aéreo. As residências estão na área central.



Fig. 33: Escola _ Vila de Jaguará, Sacramento
Foto: arquivo da pesquisa

O acesso a vila é feito pela rodovia MG 428 e a entrada é restrita, devido à presença da guarita de segurança.

O traçado das vias é ortogonal, com uma avenida ao centro, que atua como espinha dorsal, definindo a circulação de todo o complexo. As demais ruas só são acessadas por esta principal.

Os lotes possuem uma dimensão bastante considerável, permeando todo o quarteirão, o que possibilita dois acessos aos terrenos, um em cada via.

Uma particularidade é o fato de todas as fachadas frontais das residências (compostas por jardim e varanda) estarem voltadas para a entrada da vila, conformando uma grande área verde aos fundos, por onde se chega a garagem.



Fig. 34: Residência da Vila de Jaguará, Sacramento
Foto: arquivo da pesquisa

Estas residências são padronizadas, com pequenas alterações de planta, ressaltando que as diferentes hierarquias de poder na hidrelétrica não definiam diferenças de convívio na vila, a qual se pretendia coletiva.

A estruturação é em concreto, o fechamento em tijolos, que são aparentes no exterior e a cobertura em duas águas.



Fig. 35: Supermercado _ Vila de Jaguará, Sacramento
Foto: arquivo da pesquisa

A igreja é a edificação mais exuberante, possuindo uma forma triangular em concreto aparente. A ambiência que se constitui é propícia a meditação, a qual se potencializa ainda mais devido à implantação afastada do restante do conjunto.



Fig. 36: Exterior da Igreja Ecumênica _ Vila de Jaguará, Sacramento
Foto: arquivo da pesquisa

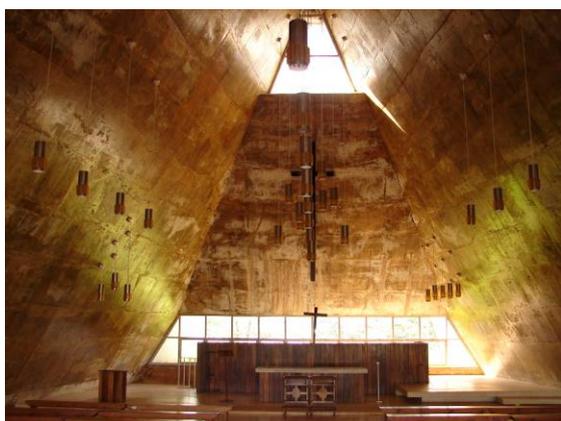


Fig. 37: Interior da Igreja Ecumênica _ Vila de Jaguará, Sacramento
Foto: arquivo da pesquisa

Cada equipamento tem sua particularidade, sendo freqüente o uso de concreto e tijolos aparentes.

Atualmente a vila está praticamente desocupada, com exceção do hotel.

Há pouco tempo foi vendida a um empresário da cidade, o qual pretende transformá-la em um complexo turístico.

A localização fora do perímetro urbano contribuiu muito para a falta de conhecimento dos moradores sobre sua existência.



Fig. 38: Hotel _ Vila de Jaguará, Sacramento
Foto: arquivo da pesquisa



Fig. 39: Ambulatório _ Vila de Jaguará, Sacramento
Foto: arquivo da pesquisa

Este conjunto necessita de medidas de preservação, salvaguardando sua constituição, que ainda se mantém bastante original, e a qual é possivelmente adaptável a novos usos, como o que será dado.

Conclusão

A arquitetura moderna brasileira é importantíssima na contextualização das cidades, principalmente porque a produção foi nacional, com desenvolvimento de técnicas inovadoras, como o *brise-soleil*, o concreto armado, etc.

No caso do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba este período marcou o grande

crescimento da região e a arquitetura, o urbanismo e o paisagismo eram tidos como a forma de registrar a imagem desenvolvimentista e o progresso. As construções, com suas inovações, volumetria, formas, elementos e materiais, representavam os avanços e a modernidade.

A produção moderna teve, então, papel primordial na formação imagética da população e nos dias atuais já é parte da identidade e memória histórica desses locais.

Em cidades como Uberlândia, Uberaba e Araguari, todas acessadas pela BR 050, que interliga São Paulo à Brasília, os projetos modernos tiveram maior destaque, resultando em um grande acervo, ainda existente, mas passível de descaracterizações ou demolições, devido à falta de políticas protecionistas.

Infelizmente ainda é insipiente a cultura de preservação, já que a arquitetura moderna continua não sendo vista como patrimônio a ser preservado, principalmente em virtude de sua proximidade temporal.

Como pôde ser observado, em uma cidade do porte de Uberlândia, existem somente três projetos modernos protegidos por lei, o que é irrisório, perto da produção que se teve, e principalmente em virtude da variedade de tipologias e usos.

A pesquisa desenvolvida é então muito importante, principalmente enquanto

produção documental, pois a catalogação dos projetos em fichas de inventário é o passo inicial para a preservação. O levantamento também é amparado pelas discussões do grupo, definindo a percepção crítica e as análises sobre a melhor forma de proteger tal patrimônio.

Agradecimentos

À FAPEMIG por financiar e incentivar o projeto científico. Ao CNPq pela bolsa de iniciação e à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Uberlândia, em especial ao núcleo de História, idealizador da produção.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, P. **A Difusão da Arquitetura Moderna em Minas: O Arquiteto João Jorge Coury em Uberlândia**. São Carlos. Dissertação (Mestrado) – EESC – USP, 1998.

BARDI, L. B.; ALMEIDA, E.; FERRAZ, M. C. [org.]. **Igreja Espírito Santo do Cerrado**. Portugal: Editorial Blau, 1999.

BENEVOLO, L. (1976). **História da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

_____. **História da Cidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

CAPPELLO, M. B. C. **Arquitetura em revista: arquitetura moderna no Brasil e sua recepção nas revistas francesas, inglesas e italianas (1945-1960)**. São Paulo. Tese (Doutorado) – FAU – USP, 2005.

FARIA, R. R.; GOMES, P. S.; GOMIDE, G. O.; LIMA, D. R. S.; SARAMAGO, R. C. P.; SEGANTINI, M. O. **Dossiê de Tombamento da Residência Migliorini**. Uberlândia. Trabalho da disciplina de graduação Técnicas Retrospectivas – FAURB – UFU, 2007.

GOODWIN, P. L. **Brazil Builds – Architecture New and Old 1652 - 1942**. New York: The Museum of Modern Art, 1943.

GUERRA, M. E. **As Praças Modernas de João Jorge Coury no Triângulo Mineiro**. São Carlos. Dissertação (Mestrado) – EESC – USP, 1998.

IGREJA Espírito Santo do Cerrado. Disponível em: <http://www3.uberlandia.mg.gov.br/cidade_patrimonio.php?id=629>. Acesso em: 21 jul. 2008.

LAMAS, J. M. R. G. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1992.

LAURENTIZ, L. **Olhando as arquiteturas do cerrado**. Projeto, São Paulo, n.º 163, p. 75-91, mai. 1993.

LEMOS, C. A. C. **Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Melhoramentos e Edusp, 1979.

MARTINS, C. A. F. **Arquitetura e Estado no Brasil: Elementos para uma Investigação sobre a Constituição do Discurso Modernista no Brasil; a Obra de Lúcio Costa**. São Paulo. Dissertação (Mestrado) – FFLCH – USP (1º. Capítulo), 1988.

MINDLIN, H. **Arquitetura moderna no Brasil**. Organizador da edição brasileira Lauro Cavalcanti. Tradução de Paulo Pedreira. 2 ed. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora/IPHAN. 2000. Tradução de: Modern architecture in Brazil.

PATRIMÔNIO Cultural – Fichas de Inventário. Disponível em: <http://www3.uberlandia.mg.gov.br/cidade_patrimonio.php?id=604>. Acesso em: 20 de jul. 2008.

PRAÇA Tubal Vilela. Disponível em: <http://www3.uberlandia.mg.gov.br/cidade_patrimonio.php?id=632>. Acesso em: 21 jul. 2008.

PESSÔA, J. L. C. **Cedo ou tarde serão**

consideradas obras de arte. In: PESSÔA, J.; VASCONCELLOS, E.; REIS, E.; LOBO, M. (org.). *Moderno Nacional*. Niterói: EduFF, 2006.

REIS FILHO, N. G. **Quadros da Arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1970.

SANTOS, C. R. **Conservação no DOCOMOMO: modernidade em busca de preservação ou preservação em busca de modernidade?**. In: PESSÔA, J.; VASCONCELLOS, E.; REIS, E.; LOBO, M. (org.). *Moderno Nacional*. Niterói: EduFF, 2006.

SOARES, B. R. **Habitação e Produção do Espaço em Uberlândia**. São Paulo. Tese (Mestrado) – Departamento de Geografia – USP, 1988.

SEGAWA, H. **Arquitetura no Brasil 1900-1990**. São Paulo: Edusp, 1998.

SILVA JÚNIOR, A. P.; CAPPELLO, M. B. C. **Documentação das residências do arquiteto Elifas Lopes Martins em Uberlândia**. Disponível em: <<http://www.propp.ufu.br/revistaeletronica/edicao2002/G/DOCUMENTACAO%202.PDF>>. Acesso em 20 jul. 2008.

UBERLÂNDIA Clube Sociedade Recreativa. Disponível em: <http://www3.uberlandia.mg.gov.br/cidade_patrimonio.php?id=628>. Acesso em: 21 jul. 2008.